

Espanha: a invenção da praça

Anotações da acampadasol¹

Amador Fernández–Savater

Madri, 20 de maio de 2011

“Anoto tudo aquilo que não entendo”. Um amigo me contou que o historiador grego Heródoto resumia assim seu método. Quer dizer, Heródoto anotava tudo o que ele iria pensar – registrava para que não se perdesse. Nestas “anotações da acampadasol”, eu também me proponho anotar tudo o que não entendo – os detalhes, as cenas e as situações da acampadasol sobre as quais sou perguntado. Mas, também, tudo quanto me fascina no que está acontecendo, e o que considero ter ressonância com um novo pensamento+sensibilidade do político que, com alguns amigos, exploramos a partir do 11–M de 2004². Só consigo vincular-me com o que acontece através desta escrita fragmentária, a escrita das anotações de um caderno que levo sempre comigo.

Em clave de sol

Uma amiga me diz: “já não se trata mais de tomar as ruas —trata-se de criar a praça”. Disse isso como que apontando para uma diferença decisiva. Precisamos entender essa diferença.

Outra amiga: “todos parecem apaixonados, olha esses sorrisos”.

Fiquei muito impressionado com a seriedade que permeava o acampamento já no primeiro dia – com um altíssimo grau de maturidade e de organização. Há café e comida abundante (que chegam, em boa medida, das mãos de moradores de Madri). Há um cuidado com a limpeza, e constantemente é lembrado que “isto não é um *botellón*”³. Na quinta havia alguns espaços de creche com papelão no chão, e muitas crianças brincavam e pintavam. Nos grupos e comissões que se reúnem por toda parte, percebem-se inusitados graus de escuta, como se ficasse claro para todos que não importa tanto o que cada qual traz de casa, mas aquilo que possa ser elaborado conjuntamente.

1 As “anotações da *acampadasol*” completas estão disponíveis em: <<http://blogs.publico.es/fueradelugar/tag/apuntes-de-acampadasol>>

2 Dessa exploração dá conta o texto: “A arte de se esfumar; a crise da cultura consensual na Espanha”, que se encontra disponível em: <<http://aquarelallibros.blogspot.com/2011/04/el-arte-de-esfumarse-cri-sis-e-implosion.html>>

3 Um *botellón* [garrafão] é a prática dos jovens espanhóis de se encontrarem na rua para beber e fumar — muitos grupos de amigos juntos — em lugar de consumir em discotecas e bares. [N do T]

“Aqui sim que dá para viver”, fala alguém, perto de mim. Durante alguns dias, o esforço coletivo para cuidar do espaço constrói um pequeno mundo habitável, onde todos nós cabemos. Algo igual podia ler-se, meses atrás, a respeito da Praça Tahrir.

Não vote, tuite

A democracia que queremos é a própria organização da praça.

Abençoados aqueles que decidiram se instalar em Sol após a manifestação do 15. Eu acreditava que estivesse planejado pelos que convocaram a manifestação, porém soube que não foi assim. Penso muito nesse gesto. É um daqueles gestos incríveis que fazem as coisas acontecerem – contra qualquer prognóstico. Eu recebi um SMS com a notícia à 01:00 da manhã e nem liguei. “Não vai funcionar”, pensei. Preciso revisar esse cinismo – a ingenuidade é que muda as coisas.

Gosto quando você vota, pois fica como que ausente

Os estereótipos são uma estratégia de governo. Coloca-se um rótulo nos que protestam (“anti-sistema”, por exemplo) que, assim, são separados do resto, como se não tivessem nada em comum. O movimento expressa uma enorme inteligência nisso: NÓS NÃO SOMOS ANTI-SISTEMA, O SISTEMA É ANTI-NÓS. O sistema teme qualquer um; nossa força vem de ser um espaço de qualquer um.

Todo o que divide fica fora da praça: das siglas à violência.

Discussão no bate-papo de Facebook:

— *eu continuo com a ideia um pouco velha de que o twitter não é o que se passa, mas um jeito de contar o se que passa*

— *e de organizá-lo, né?*

— *ou, falando de outro modo, o tw só é interessante em composição com outra coisa*

— *pois é, eu concordo*

— *mas o sol+twitter fica interessante*

— *a potência extra dos corpos*

— *e de uma situação aberta*

21 de maio

Meia-noite: a Praça do Sol abarrotada de gente que grita um desafio: “agora somos todos ilegais”. Quando, antes, se havia rebelado tanta gente junta contra a legalidade, com tanta alegria e tanta razão? Foi um momento incrível para a história de todos e de cada um ⁴.

Eu gosto de ir sozinho para Sol. Perder-me, misturar-me, fugir, falar com desconhecidos. No grupo de amigos, ou com os companheiros do coletivo, a gente se blinda. Expor-se ao anonimato.

⁴ A junta eleitoral declarou ilegais os acampamentos porque tumultuavam a “jornada de reflexão” prévia às eleições regionais de 22 de maio.

Mãos para cima, isto é um contrato

Quem se mexe é sempre uma minoria. O decisivo é a relação que essa minoria estabelece com o que um amigo, que faz muita falta na Praça, chama de “a parte quieta do movimento” – o restante da população. Neste caso, a crista da onda está em absoluta sintonia com a base da onda. Não mais precisam ser ouvidas as histórias que contam toda manhã aqueles que dormem por lá, sobre o apoio que dão também, dia após dia, os vizinhos de Madri.

O que nós precisamos, cada um de nós, deixar de fora para *entrar* na Praça?

Um amigo aperta no peito uma mulher que chora sob a barraca de “comunicações”. Tem muita gente por perto. Também alguma câmera de televisão. Mais tarde, eu pergunto – e ele me conta que era uma militante do Partido Popular que se aproximou para ver com seus próprios olhos se eram mesmo uns poucos “maltrapilhos” os que ficavam na Praça. Essas rupturas emocionais são a melhor prova da força de afetação do que está acontecendo. E não é a única pessoa da qual eu tenha tido notícias.

Um amigo me fala que na Praça não dá para pensar em termos de usuários e bisbilhoteiros *versus* envolvidos. Porque a Praça é construída entre todos, os que estão engajados numa comissão ou os que passeiam por aí uma tarde. Tudo contribui.

Não preciso de siglas para lutar

Pergunto para uma garota sub-20 por que ela fica na Praça. Responde fulminante: “para fazer historia”.

Um SMS recebido às 4:00 am: “viemos ao mundo para fazer isto”.

22 de maio

Uma amiga muito engajada na organização que dá vida ao acampamento diz: “*brother*, a gente não consegue viver do nosso trampo, mas sabe fazer de tudo”.

No acampamento tem uma Comissão de Respeito, que zela pelo caráter inclusivo e pacífico da concentração. Soa bem *naïf*, não é? Mas, como se justifica hoje e por toda parte o poder de representação que rejeitamos? Como uma arbitragem necessária na guerra de todos contra todos que é a sociedade-mercado, cotidianamente. Daí o esforço infinito para neutralizar a guerra civil entre diferentes formas de vida no acampamento do Sol. Por isso, viva a Comissão de Respeito!!

Parece que o problema da representação política passou ao primeiro plano, deslocando a questão da crise. Contudo, talvez apontemos para o sistema político, já que é o que temos à mão, embora no fundo o assunto seja a questão do governo dos mercados. O que talvez não saibamos ainda é como fazer, *diretamente*, uma política contra algo tão abstrato e anônimo como o mercado, embora seja o mais concreto no dia a dia da gente.

Pergunto para um amigo se ele acredita que isso que está acontecendo deva influenciar nas eleições de domingo. Ele responde: “acho que, pela primeira vez

na vida, muita gente não votará automaticamente e pensará antes”. Interrupção dos automatismos. Pensamento. São pequenas vitórias do movimento.

Outro amigo: “quanto mais abstrato é o inimigo, mais transversal pode ser um movimento”.

E agora, o quê? Um bate-papo no Facebook:

— *acho que as pessoas vão ficar então pode ser que a coisa vá minguando aos poucos e acabe meio triste*

— *isso seria o pior*

— *ou pode ser que voltemos para casa até a próxima “agora já sabemos o caminho de volta para a Praça Tahrir”*

— *essas são duas opções que acho previsíveis demais para este movimento que é, sobretudo, maravilhosamente imprevisível*

24 de maio

Discussão no grupo de que faço parte – devemos nos chamar de “cidadãos” ou “pessoas”? Os que defendem que somos cidadãos dizem que estamos fazendo uma revolução política. Os que defendem que somos pessoas falam que se trata de uma revolução apolítica. Mas ninguém duvida que isto seja uma revolução!

Três da manhã. No grupo em que estou tem um rapaz dos primeiros que acamparam no domingo. Ele nos conta como foi. Todos nós ouvimos atentamente, muito emocionados. No fim, as pessoas se aproximam do rapaz e o abraçam dizendo “obrigado”. Obrigado por terem aberto e habilitado para outros um espaço que tem mudado tanto nossas vidas. Choro por dentro.

Encontro um amigo muito militante: ele fala dos mil problemas que tem tudo ali para funcionar. Em seguida, falo com um jovem sub-20 – diz que a máquina vai sozinha, que a energia transbordará qualquer obstáculo, que o movimento é incontrolável. Eu gostaria de pensar com o espírito do segundo rapaz os problemas que coloca o primeiro.

Um amigo pergunta: “por acaso o movimento 15-M não tem nada de trágico, é pura harmonia?”

No acampamento, a questão política passa *também* pela questão técnica: na atividade cotidiana das equipes de limpeza, de creche ou de alimentação há gestos que abrem mundos. Não há política apenas nas assembleias e nos discursos.

Deleuze falava de que existia um devir-jovem. Agora eu entendo.

26 de maio

Nem meios para fins, nem meios sem fim – articular um objetivo com o processo. Eis o desafio.

Uma garota sub-20 num grupo de debate: “falam que somos muito abstratos, mas os abstratos são eles”. Isso me faz pensar na diferença entre utopia e heterotopia. A utopia é outro mundo. A heterotopia é uma pequena distância em relação à realidade que nos permite habitá-la de outro modo. O Sol é essa pequena distância. Não tentou a separação em momento algum,

por isso conquistou tantos fluxos de solidariedade fora do acampamento. Não queremos outro mundo, o outro mundo são eles.

Um rapaz da Comissão de Respeito conta a seguinte anedota: às tantas da manhã, um cara não para de importunar um grupinho de *redskins*⁵ que dormem na Praça. Isso durante uma, duas, três horas. Os *redskins* vão então até a Comissão de Respeito e falam: “nós sabemos resolver isso e é só de um jeito — ajudem a gente para achar outro”. Isso que é o Sol puro: advertir que o que a gente traz de casa pode não caber no novo espaço e se encontrar com outros para aprender como ir além de si mesmo.

Respeito não é tolerância: entre nós e o outro há exigência e não indiferença. “Nós não pedimos respeito, mas *uma porra de respeito*”.

Alguém fala: “quando saio daqui (do Sol) não sei onde estou nem quem eu sou”. Escuto mais ou menos a mesma coisa, uma e outra vez. Essa imagem de ruptura me inquieta. Teríamos de pensar melhor as conexões entre o normal e o excepcional – o que havia no normal que preparava para o excepcional; como prolongar e pousar o excepcional no normal.

Uma intervenção: “O Sol deve desaparecer, pois é irreal”. Fala isso alguém que está entregue de corpo e alma para o acampamento. Outra: “Sairmos do Sol, mas levando o Sol conosco”.

2 de junho

Um jornalista fala com um acampado de Barcelona justo depois de a polícia bater: “isso é como uma volta ao passado, não é? Como os ataques da polícia franquista”. O acampado: “não, isto é o presente, que é uma merda”.

Dá vertigem se deslocar dez metros do Sol: a vida e o capitalismo se reproduzem com total normalidade. Como nos relacionarmos com isso, logo nós, que saímos dos gonzos?

Um amigo me diz: “não é que no Sol há assembleias, mas o meio é que é *assembleístico*: a gente senta em qualquer lugar para conversar com um amigo e logo surge uma assembleia”.

O mesmo amigo: “um dos efeitos do Sol é uma diminuição radical do cinismo. Dá para ver que todo mundo acredita no que fala, no que faz, e sabe onde está”.

Não voltamos para os bairros de sempre, mas para os bairros comovidos pelo Sol. Fazer com que nem os bairros, nem as universidades sejam como antes; que nem as assembleias dos bairros e nem as das universidades sejam como as dantes, estender o acontecimento–Sol– é por aí que vai o movimento?

Qual a natureza deste movimento? Trata-se de um movimento revolucionário que propõe a autogestão generalizada? Trata-se de um movimento liberal que pede uma representação política do povo mais representativa? Uma amiga cita a seguinte fórmula de um antropólogo francês: controle político da economia, controle social da política.

⁵ *Redskin*, no contexto da subcultura skinhead, é um skinhead esquerdista comunista ou socialista. [N do T]. Wikipédia. Disponível on-line em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Redskin>>

Cada assembleia se estende por várias horas. Mas daí ninguém sai. Parece que o maior dos problemas da vida cotidiana — a falta de tempo — sumiu como num passe de mágica.

Uma amiga me fala: “este movimento não segue o modelo–rede, mas um modelo–corrente”. Isso fica claro nas assembleias: ou todos ou ninguém, todo o mundo é importante, precisamos avançar todos juntos etc. Há um questionamento implícito do modelo–rede (conexão/desconexão) que precisamos considerar, nós que temos pensado nisso nos últimos anos.

“A pressa e a definição são os nossos inimigos”, diz alguém numa assembleia. A força do movimento está na sua ambiguidade e no seu poder de *indefinir*: não é nem isso nem aquilo, não se dirige a estes ou aqueles, mas interpela e se abre para qualquer um.

9 de junho

A dificuldade em decidir por levantar acampamento ou não é para se pensar. O sentimento majoritário (sair) tem se chocado uma e outra vez contra uma vontade de bloqueio, que nem argumenta, nem propõe, nem constrói e nem devolve a generosidade que lhe é endereçada. Mas com certeza é um erro buscar ou apontar culpados. Os bloqueios são *corrupções* dos próprios princípios sobre os quais se construiu a praça: consenso significa unanimidade, todos constroem a praça e, portanto, qualquer um pode participar da assembleia e decidir sobre o acampamento (quer durma por lá depois ou sobre um confortável colchão viscoelástico em casa) etc. Como diz uma garota, “ficamos presos na própria dinâmica e somos escravos de nós mesmos”. Isso é o que tem de ser pensado em face ao futuro.

A interpelação positiva da polícia é constante: “antes de policiais, vocês são cidadãos”, “vocês também ficaram hipotecados”, “policiais, unam–se a nós”, “ei, policial, você tem a palavra!” (e lhe é oferecido o megafone). Busca–se o comum inclusive do lado do inimigo. Ingenuidade? Astúcia instrumental e tática? Este movimento está tão certo de estar do lado da razão e do justo que pensa que pode conquistar todos os corações. Novo refrão: “Nós temos a razão, vocês sabem”.

Um amigo de vinte e tantos: “minha geração tem fobia de conflito. Precisa ver se com essa fobia consegue lutar”.

Porém... a ocupação da praça é o gesto mais radical do qual eu tenha lembrança, desde a auto convocatória diante das sedes do PP, a jornada de reflexão do 13–M de 2004 [após os atentados do 11–M e das mentiras do governo]. O paradoxo é que o desafio mais radical apóia–se nos recursos mais *leves*: a não violência, o respeito, a linguagem despolitizada e humanista, a abertura sem limites, a busca a todo custo do consenso, etc. Sem o desafio, seríamos apenas mais uma simpática forma de vida “alternativa”. Sem o lado empático e inclusivo, seríamos tão–só mais um pequeno grupo “radical”, separado e incapaz de morder a realidade.

Um rapaz com estilo punk na assembleia de bairro de Carabanchel: “Eu sou sim, radical e anti-sistema, mas assumo o que fique decidido na assembleia, porque o importante é que nós estamos construindo uma força entre todos”. Eis a diferença entre se deixar afetar pelo movimento ou simplesmente querer afetá-lo a partir de uma ideia prévia de radicalidade, preconcebida.

Você está fazendo novos amigos para pensar o novo ou está pensando o mesmo com os mesmos?

20 de junho

De janeiro a março se efetivaram na Espanha mais de 15.000 despejos forçados de moradia. Acabei de saber. Você soube de alguma coisa, tinha ouvido notícias sobre esse assunto? Por que agora? Simplesmente porque algumas pessoas decidiram interromper esse mecanismo automático que se apresenta como uma espécie de fatalidade “natural”, como o granizo que cai numa noite sobre o campo do agricultor. Há quem chame de ato político esse gesto que interrompe a naturalidade da injustiça.

Uma amiga: “Pensando sobre a palavra de ordem ‘Barcelona, você não está sozinho’ ou ‘Portugal, você não está sozinho’. É curioso que não seja usada a palavra solidariedade (que remete a igualdade, mas, sobretudo a pertencimento). Você não está sozinho remete à experiência da solidão, e aponta para uma queda do individualismo. Palavra de ordem muito bonita e inteligente (pensando juntos, no trem)”.

Discussão com outra amiga sobre o difícil encaixe do feminismo no movimento 15-M. Volto para casa pensando que não conheci nenhum movimento que, como esse, colocasse tanta ênfase no cuidado (dos espaços, dos corpos, dos tempos, das relações). Não foi justamente o cuidado uma das preocupações centrais do feminismo? Não haverá de se olhar e valorizar mais esses tipos de disposições (embora não se reivindicuem explicitamente como feministas) do que outros signos e sinais mais formais ou, no fundo, identitários (todos/todas etc.)?

Esses apontamentos da *acampadasol* já não mais são da *acampadasol*, mas... que momento é esse em que vocês pensam? Alguma sugestão?

(D) escrever o 15-M

Notas para a apresentação do livro Las voces del 15-M (Los panfletos del Lince, 2011), 8 de julho de 2011

Eu gostaria de falar brevemente sobre a minha contribuição para este livro. Como já foi explicado, ele recolhe algumas vozes de pessoas envolvidas no movimento 15-M. Nessa linha, os editores encomendaram uma seleção das “anotações da *acampadasol*” que tenho colocado no meu blog no jornal *Público*⁶. De onde surgem essas anotações?

⁶ O *Público* é um jornal de circulação nacional que surgiu findando o ano de 2007. Ocupa um vão à esquerda que ficou livre por causa do descrédito progressivo do *El País*. É voltado muito diretamente para um público jovem que não costuma ler jornais.

Por um lado, alguns dias após o começo do acampamento, o jornal em que colaboro me solicitou que escrevesse alguma coisa sobre o movimento. Eles acham que existe uma continuidade muito clara entre o movimento 15-M e essa “outra política”, sobre a qual eu me pergunto há dois anos, no espaço de entrevistas “Fora de Lugar”. Tenho liberdade para fazer aí o que quiser: artigos de opinião, reportagens etc.

Por outro lado, eu mesmo sinto a necessidade de escrever e compartilhar as primeiras reflexões sobre o que estamos vivendo. Entre as muitas formas de estar no mundo, eu faço parte do grupo de *doentes* que só podem se relacionar e se conectar com as coisas pensando nelas – o que, às vezes, é uma verdadeira maldição.

A questão é que tento escrever e não consigo. Nada se encaixa. Como é possível? Os formatos e registros que se me apresentam mentalmente como opções, me pedem para ir além do que eu tenho a dizer naquele momento. Não me permitem balbuciar e eu, sobretudo, balbucio para compartilhar — dúvidas e coisas que não entendo; situações que me interrogam; detalhes comoventes e repletos de chaves por decifrar etc. O que posso escrever, entre a pura descrição do que se passa e a formalização conceitual precipitada que obtura as perguntas? Como pensar sem intelectualizar ou representar?

Após várias reflexões e conversas (lembro principalmente de um bate-papo no Facebook com meu amigo Franco Ingrassia), decido simplesmente levar para a web as anotações que vou tomando no caderno, sem muita elaboração. Como um primeiro recorte de matéria-prima — registros para pensar, pensamentos para registrar. Nada de muito original como escrita, mas que me permite:

– Não colocar-me numa posição de saber; avançar por fragmentos. Resistir à tentação de crer que o que acontece já foi pensado para, assim, simplesmente, aplicar um saber prévio. Começar pela escuta e pela surpresa, não pelo reconhecimento e a confirmação. Daí que as anotações começam lembrando a máxima de Heródoto: “anote tudo aquilo que não entenda”.

– Vincular o íntimo com o coletivo. Muitíssimas anotações começam assim: “um amigo me disse”, “uma amiga me conta”, “um bate-papo no Facebook”, “intervenção de um desconhecido na assembleia”... O íntimo não é, para mim, um espaço privado e de retiro, mas o local de uma conversa incessante. O eu, o que eu penso, é produzido e emerge desse fluxo de vozes em diálogo.

– Conectar o que se passa e o que *me* passa. Não descrever os eventos a partir da voz em *off* analítica, que é o sujeito da maior parte dos ensaios políticos, mas falar em primeira pessoa, colocando-me em jogo (as perguntas, as dúvidas, as inércias que o acontecimento revela na gente etc.).

Com os amigos, nos últimos tempos, temos pensado muito em relação a um desacoplamento entre palavra e experiência — o que um de nós chama de “crise das palavras”. Nesse desacoplamento, a palavra torna-se autorreferencial e automática, torna-se incapaz de afetar a vida e tocar a realidade, fica quase impossível *acreditar* nela, perde verdade e importância.

Da crise das palavras se começa a sair tornando-se plenamente responsável pelo que se fala, não dizendo mais do que a gente quer e pode dizer — isto é, o que cada qual é capaz de *sustentar*.

E no plano coletivo? O intelectual como tradicional depositário da “palavra” (legítima, autorizada, especializada) também está em crise. As palavras, hoje, transbordam todas as molduras das instituições estabelecidas (e desacreditadas). E se ato de pensar hoje passasse nem tanto por oferecer narrativas unificadas e acabadas, mas por propor e trançar conversações, enunciados sem autor, ideias editáveis e atualizáveis, perguntas sem resposta?

O *feedback* (riquíssimo) que recebi pelas “anotações” (comentários pessoais, no blogue, reverberações dos conteúdos na rede, contribuições de palavras e imagens) aponta nesse sentido. O que mais agradeço, acredito, é o caráter balbuciante e inacabado, subjetivo e coral das anotações.

É neste ponto que eu mesmo coloco dois “porém”:

- 1— Aqui o eu não se dissolve num processo coletivo, continua a existir um “autor”.
- 2— Tudo isso é publicado num jornal, o que dá “poder” à minha voz (que então deixa de ser mais uma voz, uma voz “qualquer”)

Sobre o ponto 1: é sabido que as vanguardas de toda espécie têm experimentado há décadas a dissolução do eu em processos e tramas coletivas onde já não mais se sabe o que é de quem, onde não há autor designado nem responsável; onde nome próprio nenhum pode privatizar dinâmicas coletivas; onde o anonimato é radical (ou onde um pseudônimo representa esse caráter coletivo, múltiplo e descentralizado da criação—produção — Luther Blissett, por exemplo).

Conheço, compartilho, tenho praticado, pratico essa modalidade de anonimato. Contudo, hoje também me pergunto se é essa a única via possível para fugir da maldição do “autor individual e proprietário”, se é essa a única articulação interessante e libertadora entre o eu e o nós, o comum e a singularidade. Vejo que nas redes sociais e nos blogues se faz um uso da primeira pessoa, com a potência que tem esse tipo de enunciação muito encarnada, porém como mais um nome próprio, qualquer um; que, além disso, conecta-se a um fluxo de conversação coletivo, contribuindo para um grande relato coral (blogosfera, *hashtags* etc.). Talvez possamos pensar hoje, também, o coletivo como um *sistema de ressonâncias* entre pontos singulares e não unicamente como um mural desenhado por muitas mãos.

Sobre o ponto 2: publicar na tribuna de opinião de um jornal faz com que minha voz seja a voz de “alguém” e não qualquer uma. Os riscos de falar “da tribuna” são claros e conhecidos: colocar-se como o intelectual—que—sabe, personagem—protagonista, que se apropria e representa um fluxo coletivo; identificação da palavra com a linha de um veículo de comunicação etc. Os riscos estão aí — é minha sina. É preciso pensar e decidir o que tem de ser feito (e *como*) em cada situação (o que não significa começar do zero a cada vez). Como se destituir da posição do saber, como devolver ao fluxo coletivo, como se descolar de qualquer alinhamento partidário da palavra?

Meditei então se eu deveria publicar as anotações no *Público* ou no blogue da Acuarela⁷ e, por fim, optei pelo *Público*. Por quê? Para levar o 15–M para locais incômodos, onde (supostamente) não deveria estar. Levar para lá o que está aqui, fazer circular. Atravessar as fronteiras com algo de contrabando. Movimentar–se nas costuras (entre a mídia e a rua, entre o jornalismo e o ativismo). Jogar sob as regras de um veículo de comunicação, mas, na medida do possível, burlando suas exigências — informação desencarnada, opinião exterior, textos breves e digeríveis etc. Em suma, como diz um amigo, *para espalhar a peste*.

Nota sobre o 15–M

No dia 15 de maio de 2011 [15–M] houve em toda a Espanha manifestações convocadas por uma plataforma recém–nascida, sob o lema “democracia real já”. Foi o primeiro grande protesto contra a gestão neoliberal da crise – uma convocatória totalmente apartidária e a–sindical. Em Madri a manifestação liberou tanta energia que um pequeno grupo de pessoas decidiu, espontaneamente, acampar na praça central Puerta del Sol. A polícia desocupou violentamente a praça na outra noite, provocando uma reação em massa de pessoas indignadas, que retomaram o local na tarde seguinte e começaram a organizar por lá um acampamento. Em questão de poucas horas, criou–se em Puerta del Sol uma espécie de pequena cidade, uma pequena Madri no coração de Madri, que transtornou a normalidade da vida social. Foi o estopim que disparou ocupações de praças por toda a Espanha (e também em outros países). A primeira ideia foi tornar visível o protesto contra o sistema político, aproveitando as eleições regionais de 22 de maio; porém, aos poucos, os acampamentos viraram sementes de um movimento novo. Em meados de junho, esse movimento abandonou as praças e começou a se organizar através de assembleias de bairro, comissões e redes sociais, multiplicando iniciativas de toda espécie (bloqueio de despejos, manifestações, debates públicos, passeatas maciças a Madri etc.) e anunciando um outono muito interessante.

Tradução do castelhano: Damian Kraus

*Amador Fernández–Savater vive em Madrid. Escreve para o periódico *Público*, mas não é jornalista; tem um programa de rádio, sem ser radialista. Anima, há mais de dez anos, a editora Acuarela, sem ser editor; passa a vida no pensamento, mas não é um intelectual, nem filósofo, nem acadêmico; se inquieta com a existência política, sem nunca ter feito parte de um partido, nem se considerar militante ou ativista. Participou de várias iniciativas coletivas na Espanha, nos últimos anos. (amador@sindominio.net)

⁷ Acuarela é a editora que levo adiante com alguns amigos. No blogue, misturamos as notícias sobre os livros com textos próprios de atualidade. Disponível em: <<http://acuarelalibros.blogspot.com/>>

